

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais

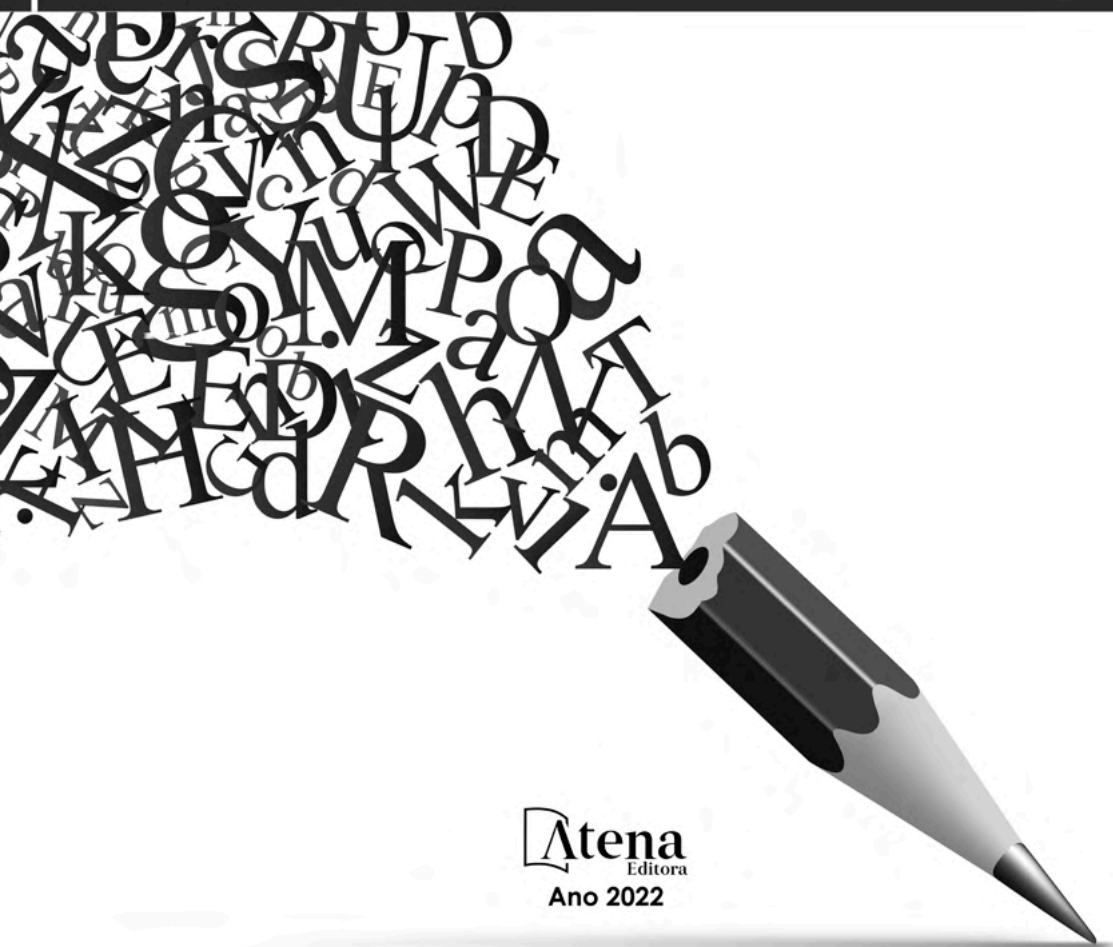


Atena
Editora
Ano 2022

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
(Organizadora)

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0513-9 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.139220509 1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro *Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais* apresenta, em seus doze capítulos, diferentes pesquisas no campo da Ciências Humanas, mais especificamente, nos campos linguístico, literário e artístico, trazendo artigos que contemplam o título do volume. A descrição, a análise e as práticas sociais estão presentes nos trabalhos de forma singular, formando um todo uníssono pela valorização desse campo de estudo.

Desse modo, há trabalhos que cortejam diferentes aspectos inferidos no título do volume, como a análise do termo – usado no campo jornalístico, como em debates políticos – “narrativa”, há, ainda no campo das práticas sociais, uma minuciosa análise do discurso público municipal brasileiro, artigo, inclusive, escrito em Língua Espanhola. Há, ainda, a belíssima análise de um espetáculo de dança protagonizado por pessoas com deficiência visual, bem como a apresentação de uma experiência de estágio supervisionado de Artes Visuais, em que se trabalha com métodos poético-pedagógicos. Ainda na esfera escolar, há um artigo que trata do gênero da redação ENEM, tão importante para o ingresso dos vestibulandos nas universidades públicas por meio do SiSU. No âmbito das práticas sociais, há um texto que contempla a ação das benzedeadoras no país.

Ademais, há trabalhos literários que têm como *corpus* diferentes obras de Milton Hatoum, Raduan Nassar, João Cabral de Melo Neto, Ray Bradbury, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nérida Piñon, Orlanda Amarílis e Dina Salústio, além de um artigo que corteja a tradução literária e a revisão da tradução. Os vieses críticos escolhidos para trabalhar com esses autores foram os da literatura comparada, da sociologia, da revisão crítica e do mito.

Portanto, o presente volume colabora para com o enriquecimento dos campos de estudo literário, linguístico, escolar, de políticas públicas, práticas milenares de cura e jornalístico. Ou seja, é uma grande contribuição para a Ciência que abarca esses saberes – as Ciências Humanas. Por fim, a leitura pode colaborar com a formação acadêmica de graduandos, graduados, pós-graduandos e professores de IES, bem como toda população que apresentar interesse no atravessamento das Ciências humanas que compõe esse volume.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A PALAVRA *NARRATIVA* NOS EMBATES POLÍTICOS: UMA LEITURA NA PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

José Luiz Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205091>

CAPÍTULO 2..... 8

ANÁLISIS DEL DISCURSO PÚBLICO: LENGUAJE, INTERPRETACIÓN Y LAGUNAS EN EL ÁMBITO DE LAS ATRIBUCIONES LEGALES DE LOS CONSEJOS MUNICIPALES DE MEDIO AMBIENTE EN BRASIL

Elaine Ferreira Dias


Pedro Henrique Figueiredo da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205092>

CAPÍTULO 3..... 15

ENQUANTO: PROCESSO CRIATIVO COM BAILARINOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL DA CIA PASSOS PARA LUZ DE BELÉM/PA-BRASIL

Marina Alves Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205093>

CAPÍTULO 4..... 25

ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: NAVEGANDO PELOS MARES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA A PARTIR DO ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Noeli Batista dos Santos


Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205094>

CAPÍTULO 5..... 35

O GÊNERO *REDAÇÃO DO ENEM*: UM PROBLEMA DE CATEGORIZAÇÃO?

Walisson Dodó


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205095>

CAPÍTULO 6..... 47

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NO BRASIL: REPENSANDO O TRABALHO COM A ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA EM SALA DE AULA

Walisson Dodó


Eulália Leurquin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205096>

CAPÍTULO 7..... 63

REVISÃO DE TRADUÇÃO DE TEXTO EM VERSO: CONHECIMENTOS E RESPEITO AO ESTILO DO AUTOR TRADUZIDO

Dulce Maurília Ribeiro Borges

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205097>

CAPÍTULO 8	75
“LAVOURA ARCAICA”, “DOIS IRMÃOS” E A ANTROPOFAGIA DO MITO	
Nicole Maciel de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205098	
CAPÍTULO 9	86
LYGIA IFAGUNDES TELLES; CLARICE LISPECTOR, NÉLIDA PIÑON, ORLANDA AMARÍLIS E DINA SALÚSTIO - AUTORIA FEMININA A VOZ DE RESISTÊNCIA	
Pedro Manoel Monteiro	
Raquel Aparecida Dal Cortivo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1392205099	
CAPÍTULO 10	96
AS RACHADURAS NA PAREDE: A PRESENÇA DO DISCURSO AFETIVO E AUTOBIOGRÁFICO EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO	
Rafael Iatzaki Rigoni	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050910	
CAPÍTULO 11	104
SOB O DOMÍNIO DA INDÚSTRIA CULTURAL: UMA CRÍTICA SOCIOLÓGICA DE FAHRENHEIT 451	
Rafael Henrique Mehret	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050911	
CAPÍTULO 12	112
PALAVRAS QUE CURAM: BREVE ESTUDO SOBRE AS BENZEDEIRAS E AS PRÁTICAS ORAIS	
Márcia Souza Maia e Araujo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.13922050912	
SOBRE A ORGANIZADORA	125
ÍNDICE REMISSIVO	126

O GÊNERO *REDAÇÃO DO ENEM*: UM PROBLEMA DE CATEGORIZAÇÃO?

Data de aceite: 01/09/2022

Walisson Dodó

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Rede Estadual de Ensino do Ceará – SEDUC – CE
<http://lattes.cnpq.br/6002586478534594>
<https://orcid.org/0000-0002-4346-7781>

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar meu posicionamento referente à categorização do texto exigido na prova de produção escrita do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, a redação do Enem. Como referencial teórico, baseio-me em estudiosos cujos pensamentos convergem quanto ao modo de entendimento da linguagem vista numa perspectiva interacionista, portanto dialógico-social; dentre eles, (BAKHTIN, 1997; 1999), (BRONCKART, 1999; 2012) e (OLIVEIRA, 2016). Metodologicamente, faço um estudo bibliográfico, a fim de conceituar gênero de texto e, assim, categorizar o gênero em questão. Como resultado, respaldado nos teóricos selecionados e em conformidade com eles, a discussão proposta neste estudo permitiu concluir que as características internas e externas do texto exigido no certame garantem que é coerente categorizar a redação do Enem como um exemplo de gênero textual.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Textual. Categorização de Gênero. Redação do Enem.

THE ENEM WRITING GENRE: A CATEGORIZATION PROBLEM?

ABSTRACT: The purpose of this article is to present my position regarding the categorization of the text required in the written production test of the National High School Exam - ENEM, the writing of the Enem. As a theoretical reference, I am based on scholars whose thoughts converge regarding the way of understanding language seen from an interactionist perspective; therefore, dialogic-social, among them (BAKHTIN, 1997; 1999), (BRONCKART, 1999; 2012) and (OLIVEIRA, 2016). Methodologically, I carry out a bibliographic study in order to conceptualize text genre and, thus, categorize the genre in question. As a result, supported by the selected theorists and in accordance with them, the discussion proposed in this study allowed us to conclude that the internal and external characteristics of the text required in the contest guarantee that it is coherent to categorize the writing of the Enem as an example of textual genre.

KEYWORDS: Textual Genre. Genre Categorization. Enem writing.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento que faço de minha Tese de Doutorado (DODÓ, 2020)¹. Nela, me propus a analisar como os estudantes ingressantes no Ensino Médio

¹ A Tese está intitulada: *A coesão nominal e a conexão no gênero textual redação do Enem produzido por alunos ingressantes do Ensino Médio*; foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da professora Dra. Eulália Leurquin; essa pesquisa contou com o apoio financeiro (Bolsa de estudo) da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

mobilizavam mecanismos de textualização para construir a progressão temática no gênero redação do Enem. Na Tese, há um capítulo, no qual teço uma discussão teórica acerca da categorização do texto redação do Enem, já que este foi o gênero trabalhado em minha pesquisa.

Considerando isso, o objetivo deste texto é apresentar meu posicionamento referente à categorização do texto exigido na prova de produção escrita do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, a redação do Enem.

Para tanto, *metodologicamente*, faço um estudo bibliográfico, visando apresentar diferentes estudos que veem a língua(gem) na perspectiva da interação. Essa revisão de literatura é pertinente, pois discutirei o conceito de gênero textual proposto por essas perspectivas, a fim de embasar meu posicionamento. Dentre os teóricos que estudam sobre gêneros de texto, faço referência aos seguintes pesquisadores: (BAKHTIN, 1997; 1999), (GARCEZ, 1998), (HALLIDAY, 1994), (MARTIN; CHRISTIE; ROTHERY, 1987), (BAZEMAN, 1994; 2004), (SWALES, 1990), (MILLER, 1994); (BRONCKART, 1999; 2012) (SCHNEUWLY, 1988; 1994) (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998; 1999), (MARCUSCHI, 2002), (FAVERO; KOCH, 1987), (ADAM, 1992) e (OLIVEIRA, 2016²).

Organizei este estudo da seguinte maneira: na primeira seção, apresento uma discussão teórica acerca do conceito de gênero de texto, para, na sequência, apresentar meu posicionamento frente à categorização do gênero redação do Enem.

CONCEITUANDO GÊNERO DE TEXTO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

A discussão sobre os gêneros de texto sempre esteve ligada aos estudos da Linguística Textual na Europa nos anos 1960. Desde então, o interesse pelos estudos dos gêneros veio ganhando força até os dias atuais. Nesta seção, apresento as contribuições de diferentes estudos encontrados na literatura que conceituam gênero de texto. Inicialmente, apresento estudos de Bakhtin (1997; 1999) e Garcez (1998).

Sobre a teoria dos gêneros, é preciso considerar, antes de tudo, que a linguagem, segundo Bakhtin (1997), deve ser vista dentro de uma dimensão dialógica, portanto, na dimensão da interação. Nesse sentido, já que, para ele, a linguagem é dialógica e interativa, ela está situada no interior das relações sociais; dessa maneira, a língua deve ser vista como instrumento de interação.

É baseado nessa ideia que esse teórico estabelece o conceito de gênero discursivo: toda manifestação verbal oral ou escrita composta pelo: **estilo verbal** - que apresenta certa estrutura composicional relativamente estável para expressar um **conteúdo temático**, para cumprir um **propósito comunicativo** dentro de um **contexto de interação/comunicação**; a linguagem passa a ser concebida como uma prática social que envolve

2 Em sua Tese de Doutorado, cujo título é “Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do Enem”, a autora traça uma discussão teórica assumindo a *redação do Enem* como um gênero de texto. Sua Tese foi defendida no programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC.

os falantes mediada pelo uso dos gêneros discursivos. Desse modo, “[...] o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; [...] a enunciação é, pois, de natureza social” (BAKHTIN, 1999, p. 103, grifo nosso).

Nesse sentido, a construção dos gêneros é vista por Bakhtin numa perspectiva que coloca o uso da língua pelos sujeitos falantes situados sociohistoricamente. Comungando com essa ideia, Garcez (1998) entende que “o texto [...], enquanto ação com sentido, constitui uma forma de relação dialógica que transcende as meras relações lingüísticas, é uma unidade significativa da comunicação discursiva que tem articulações com outras esferas de valores” (GARCEZ, 1998, p.63). O mapa conceitual a seguir sugere essa leitura:

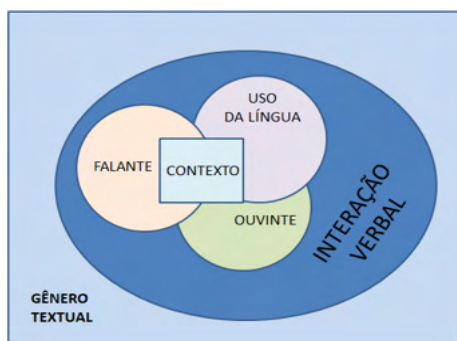


Gráfico 1 – Mapa conceitual de gênero de texto

Fonte: Mapa Conceitual elaborado pelo autor deste artigo, baseado em estudos de Garcez (1998).

Sob essa perspectiva, o gênero é constituído com a finalidade de gerar interação verbal, portanto, comunicação. Contudo, nesse processo de composição e uso do gênero, a condição para que tal propósito aconteça é: o falante interagirá com o ouvinte, fazendo uso da língua dentro de um determinado contexto comunicativo. Logo, o contexto sociohistórico é tido como fator decisivo para a elaboração de determinado gênero, garantindo, assim, a interação verbal. É baseado, pois, nessa visão bakhtiniana de gênero e nas contribuições de Garcez que reconheço a natureza dialógico-interativa dos gêneros discursivos.

Trazendo as contribuições de (HALLIDAY, 1994), a língua deve ser investigada a partir de seus usos em contextos sociais na produção textual autêntica, real. O que se observa, pois, nesses gêneros, é sua construção, considerando as escolhas linguísticas para a sua composição, sua função e necessidade social de uso determinadas pelo contexto de uso.

Desse modo, baseados nos estudos de Halliday (1994), que relaciona forma (língua), função e contexto social, é que se define o conceito de gênero defendido por esse autor. Conforme (MARTIN; CHRISTIE; ROTHERY, 1987), gênero são processos sociais criados

a determinados propósitos e organizados em fases, isto é, são estruturas (textos) usadas nas diversas culturas em contextos sociais, a fim de alcançarem determinados propósitos.

Para Miller (1984), gênero é ação que contempla uma situação e uma motivação, uma vez que “as ações humanas, simbólicas ou de outro tipo, são interpretadas somente num contexto de situação e pela atribuição de motivações” (MILLER, 1984, p. 24). Logo, os gêneros representam uma articulação dos usos da linguagem nos processos sociais, já que os textos devem ser construídos dentro das relações sociais das ações humanas; ou seja, o extralinguístico - fator social – influencia os discursos produzidos (BAZERMAN, 1994). Logo, o gênero é um instrumento de interação sociodiscursiva (BAZERMAN, 2004).

Ainda se tratando dos estudos do gênero, Swales (1990) compreende o gênero como um evento comunicativo que atende a um propósito comunicativo a depender do contexto de produção desse gênero (SWALES, 1990).

Considerando o conceito de gênero proposto por Swales, percebo uma aproximação com o conceito dos demais autores vistos até aqui, já que todos entendem que o gênero é a semiotização do uso da língua num determinado contexto situacional; logo, o gênero é uma ação social, por isso, está a serviço da interação/comunicação.

Veremos, a seguir, que essa visão dos gêneros na perspectiva de interação/comunicação converge com as contribuições dos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD). Trago aqui algumas contribuições de teóricos desse quadro teórico: as ideias de Bronckart, Dolz e Schneuwly.

O ISD entende que as condutas humanas são “ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são [...] um produto da socialização” (BRONCKART, 1997, p. 13). Por isso, para esse quando teórico, toda ação humana é mediada pelo uso da linguagem semiotizada nos gêneros textuais. Gênero é, pois, [...] “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente, do ponto de vista da ação ou da *comunicação*” (BRONCKART, 1999, p.75, grifo nosso).

Como podemos notar, o gênero está para um fim específico: a interação/comunicação. Os textos atendem a um propósito comunicativo.

Ao tratar da composição dos gêneros, Schneuwly (1994) entende que os eles têm certa estabilidade composicional de sua estrutura: composição (estrutura e acabamento); e plano comunicacional (estilo do gênero).

Em convergência com esse conceito, Dolz e Schneuwly conceituam gênero, a partir das concepções de Bakhtin, como “formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais de práticas de linguagem” (DOLZ; SCHNEUWLY, 1999, p. 7).

Estes autores (2004) apontam três dimensões que caracterizam um gênero, enquanto atividade linguageira: dimensão I: os conteúdos/conhecimentos que podem ser ditos a partir dos gêneros; dimensão II: os fatores das estruturas de comunicação e semióticas que

são compartilhados pelos textos/gêneros; dimensão III: os traços específicos das unidades de linguagem, que são a posição enunciativa do enunciador, o conjunto das sequências de texto e os tipos de discurso que formam a estrutura do gênero.

Desse modo, entendo que o processo de produção dos gêneros se dá tanto por meios linguísticos quanto extralinguísticos e, que, portanto, os gêneros estão a serviço da interação social, pois são eles que mediam as relações humanas; é por meio dos gêneros que as práticas de linguagem “encarnam-se” nas atividades dos falantes (DOLZ; SCHNEUWLY, 1999), nas interações discursivas diversas (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998).

Esse posicionamento adotado pela teoria interacionista sociodiscursiva permitiu formular uma nova visão acerca dos estudos dos gêneros, o que Bronckart e Schneuwly (2004) chamaram de “didática diversificada”, um posicionamento teórico que considera, na análise e produção dos textos, não apenas os aspectos gramaticais, mas entende que a gramática está a serviço da produção do texto, sem deixar de considerar as relações que o gênero textual mantém com o contexto de produção; por isso, na visão do ISD, o trabalho com o gênero se dá da seguinte intercambiação: *uso da língua + gênero de texto + contexto de produção* (o contexto social, histórico, ideológico etc.). Assim, essa teoria entende o gênero como prática discursiva, portanto interativa/comunicativa.

CATEGORIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL *REDAÇÃO DO ENEM*

Tendo apresentado o conceito de gênero de texto, nesta seção, proponho-me aplicar tais conceitos ao texto exigido no Enem, a redação do Enem, e, assim, categorizá-lo como um gênero textual. Contudo, primeiramente, é preciso considerar que, no certame, fala-se apenas em “**texto do tipo dissertativo-argumentativo**”, ou seja, menciona-se apenas o tipo textual. Considerando isso, levanto as seguintes provocações: o que é um texto dissertativo-argumentativo para o certame? Qual é, afinal, o gênero cobrado na prova escrita do Enem? A redação do Enem é ou não é um gênero textual?

À guisa de explicação e para que melhor compreendamos as questões relacionadas à redação do Enem, é mister trazer à discussão os estudos das tipologias de texto. Ao longo dos anos, diversos teóricos vêm contribuindo com esses estudos. Por exemplo, (MARCUSCHI, 2002) afirma que os tipos textuais designam sequências abstratas, teoricamente definidas pela natureza linguística de sua composição. Segundo ele, há cinco tipos de tipologias: *a descritiva, a narrativa, a expositiva, a argumentativa e a instrutiva*. Semelhante a essa divisão tipológica, (FAVERO; KOCH, 1987) sugerem as tipologias: *narrativa, descritiva, expositiva/explicativa, argumentativa e injuntiva/diretiva/preditiva*.

Para Adam (1992), que as chama de “sequências textuais”, elas são fundamentais para a infraestrutura dos textos, que é responsável pela organização da sequência e linearidade do conteúdo temático, isto é, da macroestrutura do texto. Este autor considera as sequências textuais como protótipos – modelos abstratos utilizados pelo produtor/

receptor de textos – definidos por suas macroposições, bem como pelas modalidades dessas macroposições em uma estrutura autônoma. Para ele, os cinco tipos básicos de sequência textual são: *narrativa*, *descritiva*, *argumentativa*, *explicativa* e *dialogal*.

Ao avançar seus estudos sobre a tipologia textual, Adam (1992) observou que num mesmo texto pode conter mais de uma sequência textual, apesar de uma delas apresentar maior destaque. Desse modo, numa situação de comunicação, para a elaboração do gênero específico à situação de interação, fazemos uso das tipologias para construí-lo. Se queremos defender um ponto de vista, embora utilizemos também a informação ou a exposição, utilizamos, predominantemente, o tipo textual argumentativo para construir o gênero artigo de opinião ou a redação do Enem, por exemplo, já que esses gêneros têm como finalidade apresentar um ponto de vista e defendê-lo.

Sabe-se que há uma categorização já consagrada na literatura para o gênero artigo de opinião; em se tratando da redação do Enem, entretanto, até pouco tempo, não havia trabalhos que a categorizassem, já que a nomenclatura usada pelo próprio certame faz referência apenas a uma tipologia de texto, e não a um gênero de texto. Nesse sentido, de acordo com (MARCUSCHI, 2002), (FAVERO; KOCH, 1987) e (ADAM, 1992), a tipologia da redação do Enem é a argumentativa, pois exige que o candidato se posicione sobre determinado tema, apresente uma tese/ponto de vista e defenda-a, como já o dissemos.

Agora, baseado no que expus até aqui, analisemos de que modo a redação do Enem constitui-se como gênero de texto. Vimos que o texto, segundo Bronckart (2012), é, do ponto de vista da comunicação, uma produção de linguagem finalizada. Por isso, “a noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita” (BRONCKART, 2012, p. 71). Assim, cada texto apresenta suas características peculiares, estando situado a um contexto comunicativo onde é produzido.

Nessa perspectiva, os textos são “produtos da atividade humana [...] e estão articulados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais no seio das quais são produzidos” (BRONCKART, 2012, p. 72).

Em suma, para o ISD, o texto é uma unidade empírica de produção de linguagem e está situado num contexto de produção, contexto esse que pode influenciar nas escolhas linguísticas e nas maneiras com as quais será construído o gênero que os falantes usarão para estabelecer a interação verbal. Logo, para o ISD, na interação verbal, os gêneros cumprem um propósito comunicativo dentro de um contexto de produção.

De acordo com Bronckart (2012), uma ação de linguagem caracteriza-se pela constituição dos mundos formais: o físico, o social e o subjetivo.

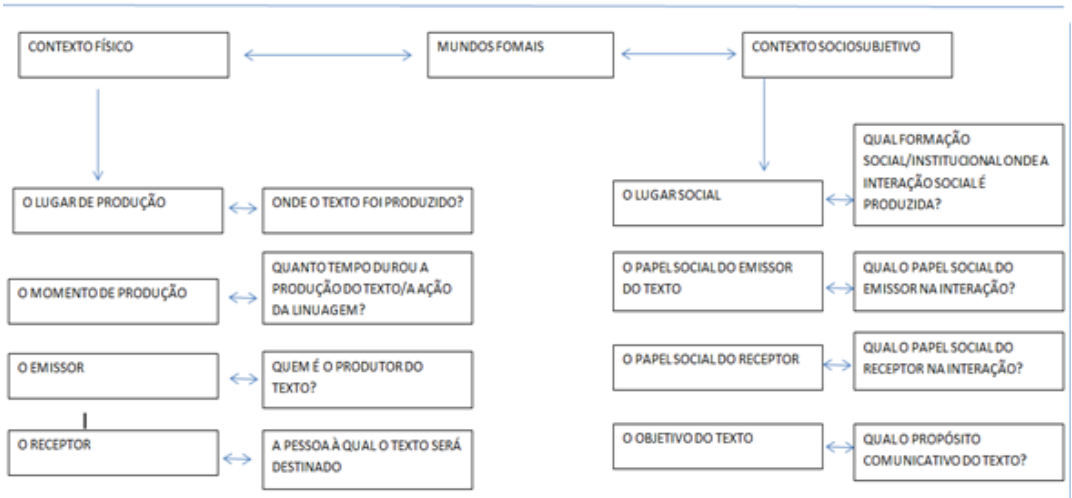
Esses mundos formais são representações sociais, o ponto de partida usado pelo agente produtor do texto para tomar as decisões que estruturarão e comporão o gênero textual adequado à situação de comunicação (SCHNEUWLY, 1988).

Na produção de textos, então:

[...] o agente deve [...] mobilizar algumas de suas representações sobre os mundos, efetuando-se essa mobilização em duas direções distintas. De um lado, representações sobre os três são requeridas como contexto da produção textual (qual é a situação de interação ou de comunicação na qual o agente-produtor julga se encontrar?) e esses conhecimentos vão exercer um controle pragmático ou ilocucional sobre alguns aspectos da organização do texto. De outro lado, representações sobre os três mundos são requeridas como conteúdo temático ou referente (quais temas vão ser verbalizados no texto?) e vão influenciar os aspectos locucionais ou declarativos da organização textual (BRONCKART, 2012, p. 92-93).

O contexto de produção, portanto, cria um conjunto de fatores que podem influenciar na produção e na organização de um texto. Esses fatores estão agrupados em dois conjuntos: o mundo físico e os mundos social e subjetivo³ (BRONCKART, 2012).

O mapa conceitual, a seguir, nos ajudará a compreender melhor o contexto de produção do gênero nas práticas de linguagem.



AÇÃO DE LINGUAGEM SEMIOTIZADA NOS GÊNEROS

Quadro 1 – Mapa conceitual dos Mundos Formais

Fonte: Mapa conceitual elaborado pelo autor deste artigo, baseado nos estudos de Bronckart (1999) e Habermas (1987).

3 Bronckart baseou-se nos estudos sobre a teoria do agir comunicativo de Habermas (1987), que apresentou três mundos: o físico, o social e o subjetivo. Em seus estudos, Bronckart juntou os dois últimos mundos, o social e o subjetivo em um só: o sociosubjetivo. O mundo físico é: (...) o lugar de produção: o lugar físico em que o texto é produzido; o momento de produção: a extensão do tempo durante a qual o texto é produzido; o emissor (ou produtor, ou locutor): a pessoa (ou a máquina) que produz fisicamente o texto, podendo essa produção ser efetuada na modalidade oral ou escrita; o receptor: a (ou as) pessoa(s) que pode(m) perceber (ou receber) concretamente o texto (BRONCKART, 2012, p. 93). O mundo sociosubjetivo: é o lugar social; no quadro de qual formação social, de qual instituição ou, de forma mais geral, em que modo de interação o texto é produzido [...]; a posição social do emissor (que lhe dá seu estatuto de enunciatador): qual é o papel social que o emissor desempenha na interação em curso [...]; a posição social do receptor (que lhe dá seu estatuto de destinatário): qual é o papel atribuído ao receptor do texto [...]; o objetivo (ou os objetivos) da interação: qual é, do ponto de vista do enunciatador, o efeito (ou os efeitos) que o texto pode produzir no destinatário? (BRONCKART, 2012, p. 94).

Para que possamos compreender melhor o contexto de produção na construção dos gêneros, aplicaremos o mapa conceitual ao gênero *Artigo de Opinião* à guisa de exemplo. Imaginemos, a seguinte situação: uma revista X convida um professor pesquisador de uma universidade Y para que escreva um Artigo de Opinião sobre o seguinte tema: “*Fome e desigualdade de renda no País*”. O professor partirá do princípio de que, se ele vai defender um posicionamento, usará predominantemente em seu texto a sequência tipológica *argumentativa* para produzir o gênero textual Artigo de Opinião. Nessa situação de linguagem, precisaremos considerar o seguinte:

CONTEXTO FÍSICO	CONTEXTO SOCIOSUBJETIVO
Onde o texto foi produzido? Numa determinada revista.	Qual o lugar social a interação foi produzida? A revista tratará de certos assuntos; tem geralmente um público leitor; segue um determinado pensamento institucional, filosófico, social, etc.
Qual o momento da produção do texto? Num período em que o assunto está sendo abordado como temática mensal da revista, por exemplo; e esse assunto também poderia estar em alta ou não no País.	Qual o papel social do emissor? Um professor pesquisador estudioso do assunto, que tem seus posicionamentos políticos, filosóficos, sociais, etc.
Quem é o emissor? Um professor pesquisador de uma determinada universidade.	Qual o papel social do receptor? Leitores que se interessam pelo assunto; talvez estudantes universitários, outros professores, economistas, etc.
Quem é o receptor? O público leitor da revista, que se interessa pelas temáticas.	Qual o propósito comunicativo do texto? O autor do texto pretende defender um ponto de vista sobre o assunto que será tratado em seu texto.

Vemos que um gênero textual contém um assunto, o estilo da linguagem e uma estrutura composicional relativamente estável utilizados num determinado contexto de interação/comunicativo, contendo os interlocutores dessa ação de linguagem que acontece motivada por um propósito comunicativo.

Considerando o processo de produção de um gênero textual, defendo que a redação do Enem também é um gênero, uma vez que apresenta tais condições, já que se trata de uma ação de uso da linguagem, pois, em conformidade com isso e partindo da pesquisa de Oliveira (2016), podemos falar de suas características internas e externas, a fim de que o gênero seja construído: a influência do contexto de produção/recepção, o que seria os mundos formais, segundo Bronckart (1999), e os elementos enunciativos (BAKHTIN, 1997), como já o dissemos: conteúdo temático, a composição estrutural do gênero e o estilo de linguagem. Para uma melhor compreensão, apliquemos as contribuições de Bakhtin e Bronckart, para que possamos analisar as características da redação do Enem.

Em se tratando das estruturas internas do gênero, temos: **o conteúdo temático** (a redação pede que o aluno escreva sobre determinado tema/assunto); **a composição**

estrutural do gênero (a redação pede que o aluno use predominantemente a sequência argumentativa, como o texto é organizado, o que deve conter em sua introdução, desenvolvimento e conclusão); e **o estilo de linguagem** (na redação, por exemplo, será usado que variação linguística? Na redação do Enem, o aluno deve escrever conforme a norma culta; e que tipo de discurso o aluno usará para produzir seu texto? A redação do Enem é escrita em 3ª pessoa etc.).

Temos ainda os fatores externos, as esferas de circulação e o contexto de produção: quem é o emissor? (Na redação do Enem, o emissor é o aluno, o candidato, que escreve a um receptor (o corretor do texto); onde o texto foi produzido e em qual momento foi produzido? (A esfera de circulação do texto é o próprio exame – o ENEM – e o momento da produção foi no dia da prova do ENEM). Qual o lugar sociosubjetivo no qual o texto foi produzido? (No Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, que vai considerar essa nota para avaliar como o aluno está finalizando o seu ensino básico, podendo, ainda, garantir seu acesso ao Ensino Superior). Qual o papel social do emissor e do receptor? (Respectivamente, um aluno, candidato a um exame; esse aluno pode ser de classe baixa, média ou alta etc., e um professor avaliador da redação). E qual o propósito comunicativo do texto? (O aluno precisa mostrar que sabe escrever o gênero exigido no certame; a partir da nota obtida, ele pode garantir sua inserção no Ensino Superior, e sua nota servirá como um fator de mensuração de aprendizagem do ensino básico brasileiro).

Apresento, a seguir, uma figura retirada do Guia do Estudante (2017). Ela expõe, mesmo que sumariamente, o que para o ENEM seria um texto do tipo dissertativo-argumentativo.

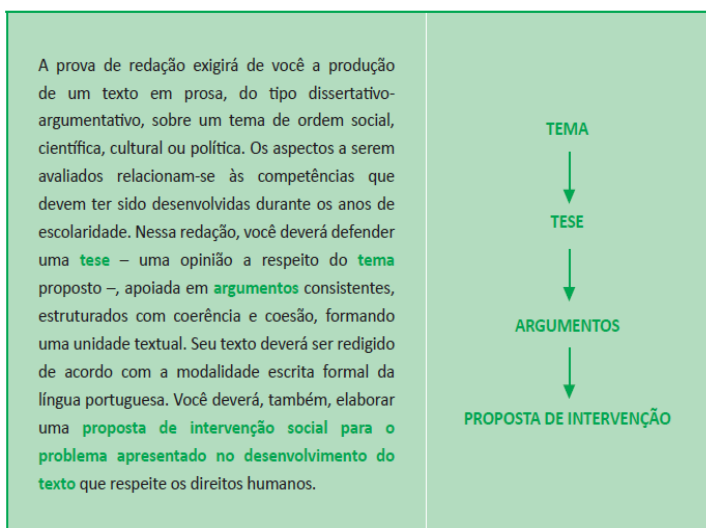


Figura 2 – Guia do Estudante – Redação do ENEM

Fonte: Guia do Estudante/ENEM (2017).

Considerando essas informações sobre a prova escrita do ENEM, vê-se que, para o exame, o texto que o aluno deverá escrever é do tipo dissertativo-argumentativo sobre determinado tema. O aluno deve defender um ponto de vista e argumentar em defesa desse ponto de vista. Uma outra característica da estrutura desse texto é que na conclusão o aluno precisa criar uma proposta de intervenção como sugestão de solução da problemática defendida em seu texto.

A seguir, essa estrutura está representada do lado direito do quadro abaixo. Apresento, pois, a seguinte estrutura canônica da redação do ENEM, que, geralmente, pode ser assim representada:

<p>TESE (Introdução)</p>	<p>No primeiro parágrafo, o aluno introduz o tema da redação e estabelecerá uma tese, que no ENEM é o ponto de vista do aluno sobre o tema. Desse modo, o aluno não deve apenas contextualizar o assunto, mas precisa estabelecer qual será seu ponto de vista a ser defendido, comprovado.</p>
<p>ARGUMENTOS EM DEFESA DA TESE (Desenvolvimento)</p>	<p>Em geral, são produzidos dois parágrafos (2º e 3º parágrafos) para que o aluno defenda seu posicionamento exposto já no primeiro parágrafo.</p>
<p>PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (Conclusão)</p>	<p>No 4º parágrafo, na conclusão, o aluno deve criar uma proposta de intervenção. Assim, a conclusão, o fechamento das ideias do texto, dá-se a partir dessa proposta articulada à discussão do texto, a fim de que o problema discutido nos parágrafos anteriores seja resolvido.</p>

Nesta seção, mostrei que, apesar de a redação do Enem restringir-se a um contexto bem específico de comunicação (a prova do ENEM), vimos que ela pode ser considerada como gênero textual, uma vez que cumpre todos os requisitos, estruturação/composição e seu uso e sua produção em um determinado contexto comunicativo. Para discutirmos sobre isso, achei pertinente retomar os estudos sobre tipologias de texto, a fim de mostrar que, mesmo que na prova do ENEM seja mencionado apenas o tipo textual dissertativo-argumentativo, não especificando com clareza o gênero de texto que será produzido, isso não anula o fato de podermos considerar esse texto como gênero, denominando-o “redação do Enem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o objetivo-mor deste texto era apresentar meu posicionamento acerca da categorização do gênero redação do Enem. Para isso, teci, primeiro, uma discussão teórica sobre o conceito de gênero de texto, para embasar meu ponto de vista, convocando diferentes estudos que convergem quanto ao conceito de língua(gem) e gênero de texto.

Por isso, tendo visto o posicionamento de (OLIVEIRA, 2016) sobre a redação do Enem, os estudos de (BAKHITIN, 1997) e contribuições de estudos que veem a linguagem como um fenômeno de interação social, ratifico que a redação do Enem apresenta sim os critérios necessários que compõem um determinado gênero de texto: as suas características

internas e externas, sua forma, estrutura e composição, minimamente, estáveis e sua esfera de circulação. Tal condição garante que possamos categorizar a *redação do Enem* como um exemplo de gênero textual.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Les textes**: types et prototypes. Paris: Nathan, 1992

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2004.

BAZERMAN, C. Systems of genre and the enactment of social intentions. *In*: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis: 1994. p. 79-101.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo socio-discursivo. Tradução Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo socio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUC, 2012.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Genres et progression em expression écrite**: éléments de réflexion à propos d'une expérience romande. Enjeux, 1996.

HABERMAS, J. **Théorie de l'agir communicationnel**. Paris: Fayard, 1987. t. I et II.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Brasil). **Redação no ENEM**: cartilha do participante. Brasília, DF: INEP, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2017/manual_de_redacao_do_enem_2017.pdf. Acesso em: 15 mar. 2017.

MARCUSCHI, L. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-35.

MARTIN, J.; CHRISTIE, E; ROTHERY, J. Social processes in education: a reply to Sawyer and Watson (and others). *In*: REID, I. (ed.). **The place of genre in learning**: Current debates. Geelong, Australia: Deakin University Press, 1987. p. 58-81.

MILLER, C. R. Genere as social action. *In*: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (ed.). **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 23-42.

OLIVEIRA, F. C. C. **Um estudo sobre a caracterização do gênero redação do Enem**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SCHNEUWLY, B. Textual organizers and text types: ontogenetic aspects in writing. *In*: COSTERMANS, J.; FAYOL, M. **Processing interclausal relationships**: studies in the production and comprehension of text. Mahwan: Lawrence Erlbaum, 1994.

SCHNEUWLY, B. BRONCKART, J. P. Connexion et cohésion dans quatre types de textes d'enfants. **Cahiers de Linguistique Française**, Paris, n. 7, p. 279-294, 1986. Disponível em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:32499>. Acesso em: 20 out. 2019.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro, Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropofagia 75, 76, 77, 78, 83, 84, 85

Artes visuais 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33

B

Benedeira 112, 113, 115, 116, 117, 120, 123

C

Charles Baudelaire 63, 64, 67, 68

Clarice Lispector 86, 87, 90, 92

Conto 7, 29, 91, 92, 93

D

Dança 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 58, 89

Dina Salústio 86, 87, 91, 93

Discourse 8, 86, 87

Discurso afetivo 96

Discurso autobiográfico 101, 103

Distopia 104, 109, 110

Docência 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33

Dois irmãos 75, 76, 79, 80, 83, 84

E

ENEM 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 62

Ensino 7, 15, 23, 25, 28, 31, 32, 34, 35, 36, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 125

Enunciação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 37, 55

Estágio 25, 26, 27, 31, 32, 33

Experimentação 15, 17, 23, 26, 66

F

Fahrenheit 451 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111

G

Gênero textual 3, 6, 7, 35, 36, 39, 40, 42, 44, 45, 48, 62, 63, 65

H

Háptico 15, 18

J

João Cabral de Melo Neto 96, 103

L

Lavoura arcaica 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85

Laws 8

Língua materna 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 61

Linguística 2, 3, 4, 35, 36, 39, 43, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 69

Literatura 3, 4, 6, 16, 36, 40, 49, 63, 75, 76, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 94, 104, 105, 110, 125

Literatura brasileira 75, 79, 83, 84

Literatura comparada 75, 76, 78, 79, 84, 85

Lygia Fagundes Telles 90, 91

N

Narrativa 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 39, 40, 105, 106, 110

Nélida Piñon 86, 87, 90

O

Orlanda Amarílis 86, 87, 91, 93

P

Pedagógico 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33

Pensamento poético-pedagógico 25, 31, 33

Poesia 65, 72, 74, 96, 98, 100, 101, 103

Poético 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 96, 97

Práticas orais 112, 115, 119, 124

R

Redação 35, 36, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48, 62

Revisão 32, 36, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 96

Revisão de tradução 63

S

Semiótica 14, 24, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62

Sociedade 12, 28, 34, 52, 76, 79, 86, 87, 88, 92, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 119

Speech 8

T

Tradição oral 112, 113, 115, 116, 123

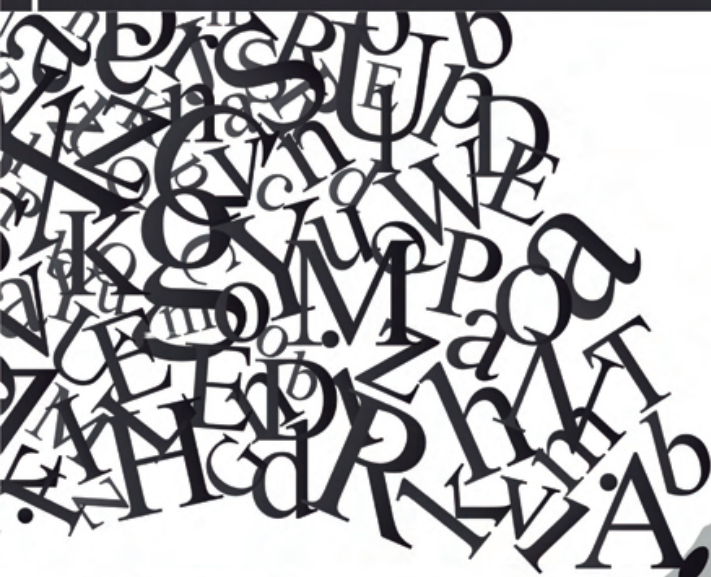
Tradução 24, 45, 46, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 106, 110

U

Utopia 85, 104, 105, 106, 110

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



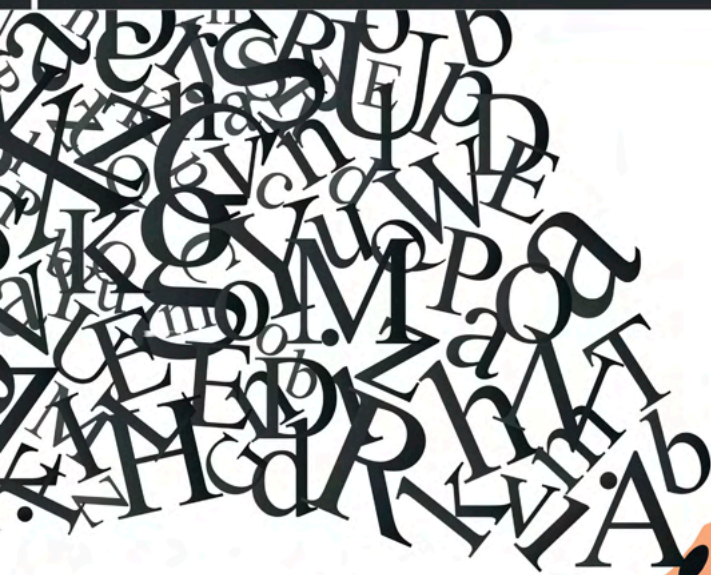
-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2022

